



Cesar Maia, Sabóia, Cid e Archer: energia em jogo

Acordo entra em discussão

O acordo nuclear Brasil-Alemanha, assinado em 1975 como um dos muitos tratados que não passaram pela discussão do Congresso Nacional, voltou a ser discutido ontem, no debate promovido pela comissão mista do orçamento, que tratou da política nuclear brasileira. O senador Itamar Franco, no desenrolar do debate, questionou o presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear, Rex Nazaré, sobre "o que foi feito com o programa". Nazaré admitiu os "erros do passado" mas assegurou que o fracasso do projeto seria maior se o investimento de US\$ 300 milhões aplicado na época fosse desconsiderado e abandonado.

A CNEN está tentando converter "os erros do passado" em "coisa rentável". Não desativou

várias indústrias que surgiram como consequência da atividade da Nuclebrás e está inclusive preparando exportações de equipamentos para Cuba, através da ONU. Para Nazaré, o programa pode ser visto hoje como "embrião", que começa a gerar um potencial que será responsável pelo pagamento da dívida que o governo tem para com a sociedade.

Segundo adiantou o presidente da CNEN, o aproveitamento do potencial gerado pelo programa Brasil-Alemanha substituirá a importação atual de subprodutos que está em torno de US\$ 220 milhões anuais. "Além de pagar esta dívida, o setor está garantindo a autonomia nacional no processamento de muitos produtos", disse ainda sem especificar o progresso alcançado no setor.